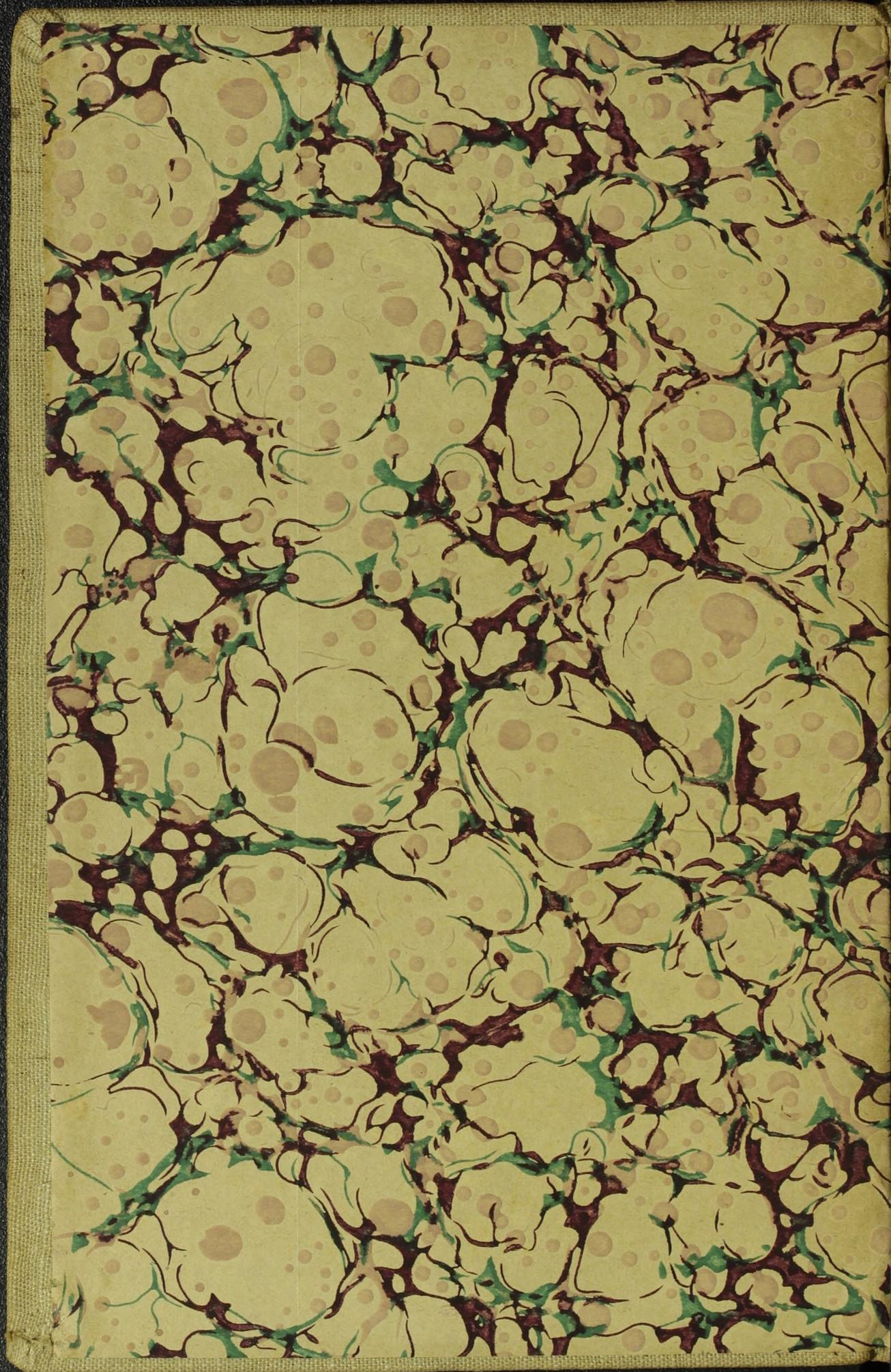
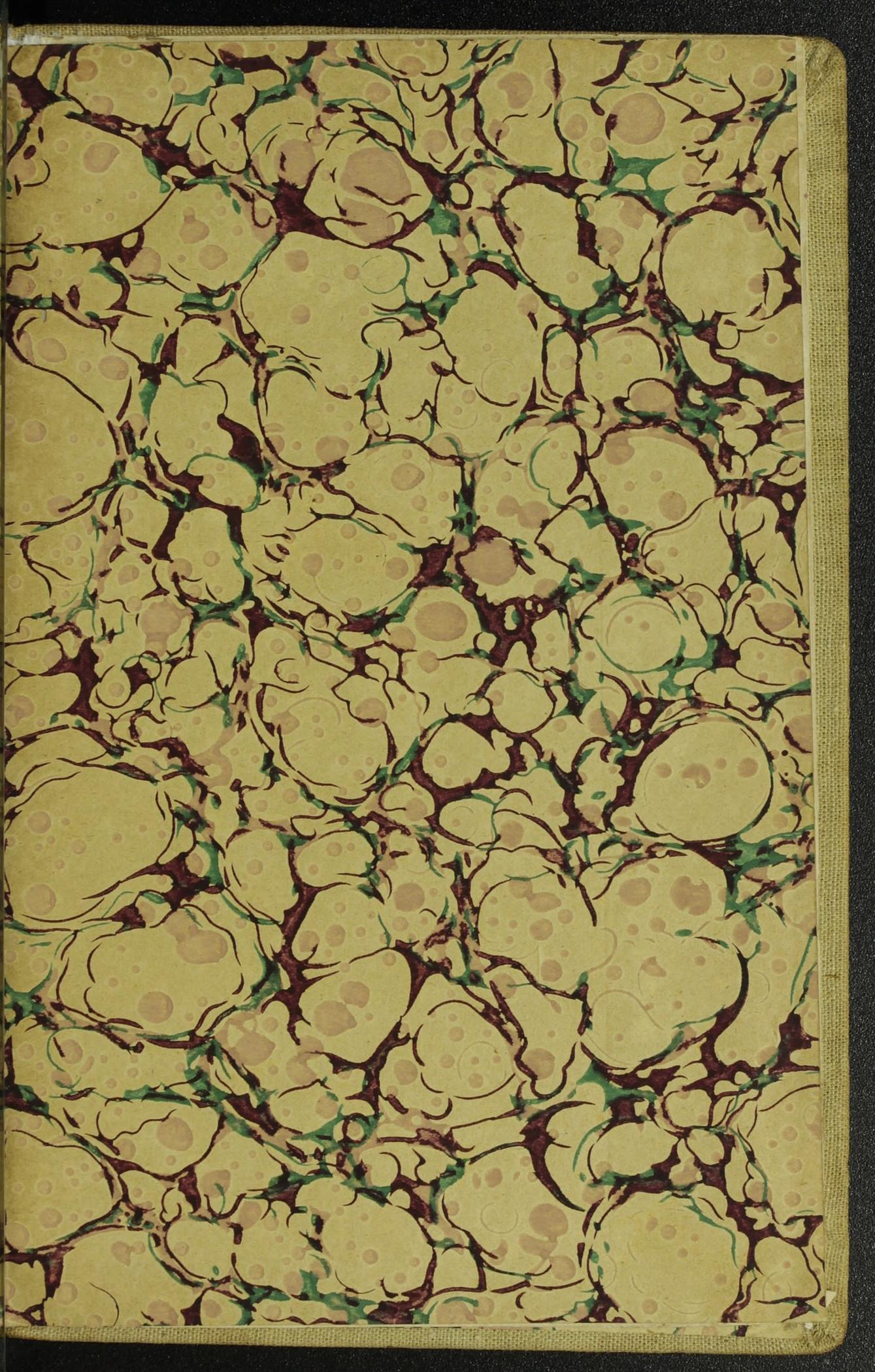
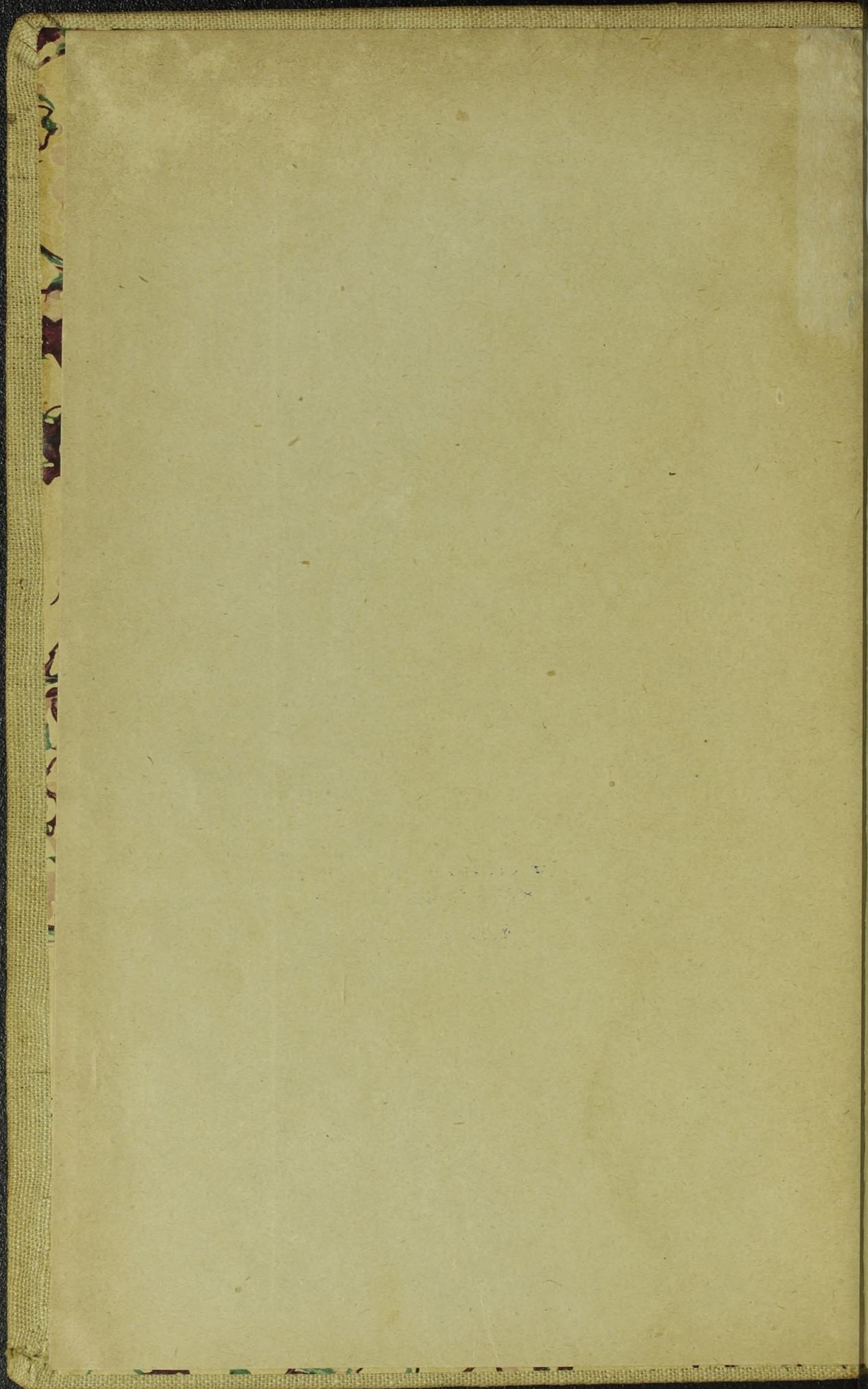


THEOPHILO BRAGA

O Poema de Camões







BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LÉSSA"

Tombo N.º 3129

Rarissimo
Immunizato

15188
12

O POEMA
DE
CAMÕES

POR
THEOPHILO BRAGA

POESIA CONSAGRADA AO CENTENARIO DO POETA



LISBOA
IMPrensa DE J. G. DE SOUSA NEVES
65, Rua da Atalaia, 67
1880

That Portugal at last broke the yoke
of Spain is to be attributed as much to
the pride of freedom cherished by the
muse of Camoens as to the wisdom of the
Braganzas.

TIMES, de 14 de maio de 1880.

O POEMA DE CAMÕES

I

Espalham-se ao rumor de átras ameaças,
Com pompa marcial, tôrvos, crescentes,
Como ondas em tropel — enchendo as praças
Já de Philippe os esquadrões frementes:

Assim occupam tudo!

Portugal não oppõe um só escudo.
Os arcos triumphaes ornam as ruas,
Galhardetes e alfaias purpurinas . . .
Quando o leão de Castella as garras crúas
Assenta sobre as aviltadas Quinas.

As fortalezas salvam com estrondo!
Pelo ár os sinos com festivos dobres,
No templo, — que espectáculo hediondo!
Dizem que o Rei, os padres e os nobres
Consagram a conquista!
Infamia nunca vista:

Calar com ruído a voz da consciencia,
Perante o altar sanctificando o jugo,
Vender da Patria o nome, a independencia,
Levando-a ao cêpo do feroz verdugo!

Vê Philippe a seus pés um povo escravo;
Não bastam, não, aclamações e palmas!
Quer possuir o que despreza o bravo,
Quer uma cousa—a servidão das almas!

N'isso encontra grandeza.

Ao passar, sáe-lhes em rôjos a nobreza;
E os padres, para quem o ataúde
É sempre uma esperanza de cobiça,
Juram manter na fé do povo rude
Que o dominio estrangeiro é de justiça.

Conhece o Rei no emtanto, que lhe falta
Essa cousa que a pôsse lhe cimente...
O Povo? beija a espada que o assalta;
Os Poetas? glorificam o Prudente

N'um côro vil, abjecto!

Porém, para o dominio ser completo,
Jungindo á Hespanha esta Nação vendida,
Não bastam bençãos do traiçoeiro monge,
Nem protestos da raça envilecida,
Quer Philippe ainda mais...

Elle vê longe.

II

Chama o Rei o Ministro á puridade,
Manda lêr-lhe das cédulas a lista
Dos que venderam Patria e Liberdade,
Dos que em traição mudaram a conquista.

Entre os grandes e bispos, magistrados,
Capitães e poetas, quanto ha nobre,
Um nome só, entre esses deshonorados,
O nome de CAMÕES não se descobre.

De repente Philippe altivo ordena:
«Vão procurar CAMÕES! Venha o Poeta!
«Dar-lhe-hei victoria contra a sua pena,
«E a mim torne a victoria mais completa.

«O que a Sadi não deu o rei da Persia
«Por mim, tarde, a CAMÕES prestado seja!
«Vença o Cantor a doentia inercia,
«Que em mim bem sinto de Alexandre a inveja.

«Os que agora me acclamam com espanto,
«Comprenderão um dia o assassinio!
«Mas de CAMÕES a gloria de um só canto
«Faria eterno, eterno o meu dominio.

«Vão procurar CAMÕES! a pósse inteira
«De Portugal n'esse ânimo reside;
«Se a Historia não encobre a ignobil feira,
«Que eu seja o heroe de um novo Poema. Ide.»

III

Chegam horas depois os Mensageiros,
Voltam desalentados; nova triste!
Foram tarde, máo grado irem ligeiros:
Era morto CAMÕES! Ah, não resiste
Sua alma ao vêr soldados estrangeiros
Na Patria, e o povo que aos festins assiste!
Elle então cheio de afflicção e de ira:
— *Patria! juntos morremos!*— Succumbira.

IV

Philippe escuta; ah, sente-se inimigo,
Do novo Estado julga a pósse iniqua;
Vaticina o rumor vago perigo,
E exclama attento na visão longiqua:

«O que governa os Povos, se percebe
«Que as pompas festivaes, os juramentos
«Da nobreza, e aclamações da plebe,
«São do poder bem fracos fundamentos!

«Dos esquadrões que vale a força dura?
«Do sacerdote a benção que me exalta?
«Ah, não ter corrompido essa alma pura!...
«Portugal não é meu! CAMÕES me falta.

«Morto é CAMÕES; mas guarda-se a verdade
«No Poema d'essa austera consciencia,
«Onde a Patria respira a liberdade,
«Onde resurge a morta independencia.

«Já não posso abafar, tornar mentida
«Essa voz que resôa como ameaça,
«Grito de imprecação que acorda á vida,
«Alevantando a decahida raça.

«Minaz, dentro do magico Poema
«Ha do incendio futuro uma favilla;
«Traz a explosão com que rebenta a algema,
«Meu poder n'um só dia se aniquilla.

«Hoje a meu pés, alegre, sob o jugo,
«Sem conhecer sequer tanto desdouro,
«Portugal vende-se! aclama o seu verdugo,
«Mas eu presinto um seculo vindouro . . .

«Nascida em ferros, e como elles dura,
«Se a gloria do passado alguém recorda,
«Como Lazaro em funda sepultura,
«Uma outra geração febril acorda!

«CAMÕES! CAMÕES, heroe, cantor e bravo,
«Envilecidos animos levanta;
«Porque encerra o Poema onde os seus canta
«A força que faz livre um povo escravo.»

FIM

